

RETÓRICA POLÍTICA DA HOSTILIDADE: MECANISMO PARA PROJEÇÃO DE AUTORIDADE E PERSUASÃO DAS MASSAS

POLITICAL RHETORIC OF HOSTILITY: A MECHANISM FOR THE PROJECTION OF AUTHORITY AND MASS PERSUASION

RETÓRICA POLÍTICA DE LA HOSTILIDAD: MECANISMO PARA LA PROYECCIÓN DE AUTORIDAD Y LA PERSUASIÓN DE LAS MASAS

Armando Henrique Silva Semeão

Pós-graduando em Direito Constitucional
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Brasil.
E-mail: armandohssemeao@gmail.com

Luis Gustavo Liberato Tizzo

Doutorando em Direito Político e Econômico
Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, Brasil.
E-mail: professortizzo@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a retórica política da hostilidade como estratégia de projeção de autoridade e de persuasão das massas em contextos marcados por intensa polarização. O estudo parte do entendimento de que a comunicação política contemporânea tem sido profundamente atravessada por discursos agressivos, que mobilizam emoções coletivas, constroem antagonismos e redefinem as formas de engajamento público. A pesquisa busca compreender como a oratória política agressiva adquire força simbólica, de que maneira contribui para a formação de identidades políticas e quais efeitos produz sobre a opinião pública e a dinâmica democrática. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica de estudos recentes da área da comunicação política e das ciências sociais, com foco no contexto brasileiro. Os resultados indicam que a agressividade discursiva funciona como recurso estratégico capaz de reforçar a autoridade do orador, criar vínculos afetivos com grupos específicos e legitimar a construção de inimigos simbólicos. Observa-se, ainda, que esse tipo de retórica tende a reduzir espaços de diálogo, intensificar conflitos sociais e fragilizar práticas democráticas. Conclui-se que a compreensão crítica desse fenômeno é essencial para avaliar seus impactos sobre a participação política e a convivência democrática.

Palavras-chave: retórica política; discurso agressivo; persuasão; polarização; opinião pública.

Abstract

This article examines the political rhetoric of hostility as a strategy for projecting authority and persuading the masses in highly polarized contexts. The study is grounded in the understanding that contemporary political communication has increasingly relied on aggressive discourse capable of mobilizing collective emotions, constructing antagonisms, and reshaping forms of public engagement. The research seeks to understand how aggressive political oratory gains symbolic power, how it contributes to the formation of political identities, and what effects it produces on public opinion and

democratic dynamics. A qualitative approach was adopted, based on a bibliographic review of recent studies in political communication and social sciences, with particular attention to the Brazilian context. The findings indicate that aggressive rhetoric operates as a strategic resource to reinforce the speaker's authority, create affective bonds with specific groups, and legitimize the construction of symbolic enemies. Additionally, such discourse tends to narrow spaces for dialogue, intensify social conflicts, and weaken democratic practices. The study concludes that critically understanding this phenomenon is essential for assessing its implications for political participation and democratic coexistence.

Keywords: political rhetoric; aggressive discourse; persuasion; polarization; public opinion.

Resumen

Este artículo analiza la retórica política de la hostilidad como una estrategia para la proyección de autoridad y la persuasión de las masas en contextos de alta polarización. El estudio parte de la premisa de que la comunicación política contemporánea ha sido marcada por el uso creciente de discursos agresivos, capaces de movilizar emociones colectivas, construir antagonismos y reconfigurar las formas de participación pública. La investigación busca comprender cómo la oratoria política agresiva adquiere fuerza simbólica, cómo contribuye a la formación de identidades políticas y cuáles son sus efectos sobre la opinión pública y la dinámica democrática. Metodológicamente, se adopta un enfoque cualitativo basado en una revisión bibliográfica de estudios recientes en el campo de la comunicación política y las ciencias sociales, con énfasis en el contexto brasileño. Los resultados muestran que la agresividad discursiva actúa como un recurso estratégico para reforzar la autoridad del orador, generar vínculos afectivos con determinados grupos y legitimar la construcción de enemigos simbólicos. Asimismo, se observa que este tipo de retórica tiende a reducir los espacios de diálogo, intensificar los conflictos sociales y debilitar las prácticas democráticas. Se concluye que comprender críticamente este fenómeno es fundamental para evaluar sus impactos en la participación política y en la convivencia democrática.

Palabras clave: retórica política; discurso agresivo; persuasión; polarización; opinión pública.

1. Introdução

A comunicação política vive um período marcado por intensos embates simbólicos, em que a palavra deixou de ser apenas um instrumento de debate democrático e passou a compor estratégias de ataque, mobilização emocional e disputa de legitimidade. A retórica agressiva tem ocupado espaço significativo nas interações públicas, especialmente em contextos polarizados, ampliados pelas redes digitais e por um ambiente sociopolítico em permanente tensão. Estudos recentes indicam que as eleições brasileiras de 2018 consolidaram um novo padrão discursivo, baseado na criação de antagonismos e na simplificação de conflitos, cenário amplamente discutido por Aldé, Massuchin e Cervi (2019), ao analisarem como a polarização moldou o comportamento comunicacional de lideranças e

seguidores.

Esse fenômeno não pode ser compreendido sem considerar a forma como determinados discursos produzem identidades políticas, ativam emoções e constroem a figura de um inimigo comum. Almeida (2017) observa que a lógica do “nós contra eles” funciona como eixo organizador de narrativas que buscam reforçar pertencimentos e justificar ataques verbais, tornando o embate comunicacional um recurso central para afirmação de poder. Em paralelo, Araújo e Veiga (2019) destacam que a proliferação desse tipo de retórica, ao invés de promover o debate público qualificado, tende a cristalizar percepções e alimentar antagonismos, criando um cenário em que a argumentação racional perde espaço para expressões de hostilidade.

Outro elemento relevante nesse processo é a ampliação dos canais digitais como arenas discursivas. Carvalho e Cervi (2020) apontam que, nas interfaces virtuais, estratégias de exposição agressiva são intensificadas pelo caráter imediato e altamente emocional da comunicação. Nessas plataformas, discursos ofensivos ganham alcance ampliado, favorecendo vínculos de identificação afetiva e o engajamento reativo, como aponta Mendonça (2018) ao discutir o papel das emoções na construção de posicionamentos públicos. A velocidade e a informalidade das interações online contribuem para uma simplificação dos conteúdos, aumentando a circulação de mensagens polarizadas.

As repercussões desse cenário têm sido observadas em diferentes campos da vida política, incluindo comportamentos eleitorais, percepção de legitimidade institucional e práticas de engajamento social. Figueiredo (2018) explica que discursos persuasivos sustentados por apelos emocionais tendem a influenciar a recepção pública de forma mais intensa que mensagens exclusivamente argumentativas. Ao mesmo tempo, Fausto Neto (2019) ressalta que o ambiente político passa a operar dentro de uma lógica de crise permanente, na qual a agressividade discursiva funciona como instrumento de visibilidade e marcação simbólica. Diante desse quadro, torna-se fundamental compreender como a oratória política agressiva se estruturou e por que se tornou um mecanismo tão utilizado para demonstração de força, convencimento e mobilização popular.

A escolha desse tema se justifica pela relevância que o discurso agressivo adquiriu no cenário comunicacional brasileiro, influenciando percepções sociais, moldando comportamentos e repercutindo diretamente na qualidade do debate democrático. Compreender esse fenômeno é essencial para avaliar os impactos da retórica violenta sobre a construção da opinião pública e sobre os modos de participação política. Assim, surge a problemática que orienta este estudo: como a oratória política agressiva tem sido utilizada como estratégia de demonstração de poder e persuasão da população em contextos de polarização?

O objetivo geral consiste em analisar de que maneira a retórica agressiva opera na comunicação política contemporânea, destacando seus elementos estruturais, seus efeitos simbólicos e seu papel na construção de antagonismos e vínculos emocionais. Como objetivos específicos, busca-se: identificar características centrais desse tipo de oratória; compreender como ela se manifesta em diferentes arenas discursivas; e examinar sua função na mobilização de grupos sociais e na disputa por legitimidade política.

Para atender a esses propósitos, o estudo adota metodologia de natureza qualitativa, fundada em revisão bibliográfica. Utilizam-se descritores como “oratória política”, “discurso agressivo”, “retórica de poder”, “polarização política”, “persuasão emocional” e “comunicação política brasileira”. Foram incluídos apenas textos publicados a partir de 2017 por autores brasileiros da área de comunicação, ciências sociais e ciência política, disponíveis integralmente em acesso aberto. Excluíram-se obras anteriores a esse período, materiais sem revisão científica, textos opinativos e publicações sem pertinência direta com o objeto de análise. Esse recorte assegura um referencial teórico atualizado e coerente com as dinâmicas contemporâneas da comunicação política no Brasil.

2. Revisão da Literatura

A retórica sempre ocupou posição central na vida política, constituindo-se como um dos principais instrumentos de mediação entre líderes e coletividades.

Desde a tradição clássica, a oratória política foi compreendida como prática voltada à persuasão, à construção de legitimidade e à condução da ação pública. No entanto, nas democracias contemporâneas, esse recurso assume novas configurações, marcadas por disputas simbólicas intensificadas, pela centralidade das emoções e pela ampliação dos conflitos discursivos. Nesse cenário, a retórica política da hostilidade emerge como estratégia recorrente de comunicação, especialmente em contextos de polarização social e fragilidade institucional.

A literatura sobre comunicação política aponta que o discurso político não se limita à transmissão de propostas ou programas, mas envolve a produção de sentidos, afetos e identidades coletivas. Miguel (2019) destaca que a linguagem política atua como espaço de disputa simbólica, no qual diferentes atores buscam definir o que é legítimo, aceitável ou ameaçador no debate público. Essa disputa se intensifica quando o discurso passa a operar a partir da construção de antagonismos, transformando divergências políticas em conflitos morais. Nesse contexto, a retórica agressiva deixa de ser exceção e passa a funcionar como mecanismo estruturante da comunicação política.

A noção de polarização é central para compreender esse fenômeno. Estudos recentes indicam que a polarização política não se resume à existência de posições ideológicas distintas, mas envolve a cristalização de identidades opostas, acompanhadas por sentimentos de rejeição, desconfiança e hostilidade em relação ao outro (ALDÉ; MASSUCHIN; CERVI, 2019). Essa dinâmica favorece a disseminação de discursos simplificados, nos quais o mundo político é dividido entre campos claramente delimitados, frequentemente organizados em torno da lógica do “nós contra eles”. Almeida (2017) observa que esse tipo de enquadramento discursivo contribui para legitimar práticas agressivas, uma vez que o adversário passa a ser percebido como ameaça à ordem social, moral ou identitária.

A retórica da hostilidade opera, nesse sentido, como ferramenta de construção de autoridade. Ao adotar uma postura combativa, o orador se apresenta como líder forte, capaz de enfrentar inimigos e expressar sentimentos compartilhados por determinados grupos sociais. Ferreira e Albuquerque (2018) explicam que a autoridade política, no contexto contemporâneo, não se constrói apenas pela

racionalidade argumentativa, mas pela capacidade de mobilizar afetos e demonstrar disposição para o confronto. Assim, a agressividade verbal passa a ser interpretada por parte do público como sinal de autenticidade, coragem e compromisso com a causa defendida.

As emoções desempenham papel fundamental nesse processo. A comunicação política contemporânea tem se mostrado fortemente atravessada por afetos como indignação, medo, ressentimento e raiva. Mendonça (2021) argumenta que as emoções não apenas acompanham o discurso político, mas estruturam a forma como os cidadãos interpretam informações e tomam posições públicas. Discursos agressivos tendem a ativar essas emoções de maneira intensa, criando vínculos afetivos entre líderes e seguidores. Esse engajamento emocional favorece a adesão política, ainda que reduza o espaço para reflexão crítica e diálogo.

Outro elemento recorrente na retórica política da hostilidade é a construção simbólica do inimigo. Feres Junior e Santos (2018) destacam que o discurso político agressivo depende da identificação de um adversário claramente definido, ao qual são atribuídas responsabilidades por crises, perdas ou ameaças percebidas pela coletividade. Esse inimigo pode assumir diferentes formas: partidos, instituições, grupos sociais ou figuras públicas. Ao transformar o adversário em ameaça moral, o discurso agressivo justifica ataques verbais e reforça a coesão interna do grupo que se identifica com o orador.

A ampliação do uso das redes digitais intensifica esses processos. Plataformas digitais operam com lógicas algorítmicas que favorecem conteúdos emocionalmente carregados, especialmente aqueles que provocam reações imediatas. Carvalho e Cervi (2020) demonstram que mensagens marcadas por conflito e agressividade tendem a alcançar maior visibilidade e engajamento, o que incentiva atores políticos a adotarem estratégias discursivas cada vez mais extremadas. Nesse ambiente, a retórica política se aproxima de uma performance, na qual o impacto emocional e a capacidade de gerar repercussão se tornam mais relevantes que a consistência argumentativa.

A dimensão performática da oratória política agressiva também merece destaque. Silva e Amaral (2020) ressaltam que a agressividade não se manifesta

apenas no conteúdo verbal, mas na entonação, nos gestos, nas expressões corporais e na encenação pública do discurso. Essa performance contribui para a construção de uma imagem de liderança firme e destemida, reforçando a autoridade simbólica do orador. A política, nesse sentido, passa a ser vivida como espetáculo, no qual a retórica agressiva funciona como elemento central de diferenciação e visibilidade.

Os efeitos sociais dessa modalidade discursiva são amplos. A normalização da agressividade no debate público tende a reduzir a disposição ao diálogo, enfraquecer a confiança nas instituições democráticas e intensificar conflitos sociais. Fausto Neto (2019) argumenta que a retórica da crise permanente, frequentemente associada a discursos hostis, cria um ambiente de instabilidade simbólica, no qual soluções autoritárias podem parecer aceitáveis. A opinião pública, exposta continuamente a narrativas de ameaça e confronto, passa a interpretar a política como campo de batalha moral, dificultando a convivência democrática.

Nesse cenário, a persuasão política se reorganiza. Figueiredo (2018) destaca que a formação da opinião pública contemporânea é cada vez menos orientada por argumentos racionais e mais influenciada por narrativas emocionais capazes de mobilizar identidades e afetos. A retórica política da hostilidade se mostra eficaz justamente por traduzir tensões complexas em explicações simples, oferecendo culpados claros e soluções imediatas. Essa lógica contribui para a adesão popular, ao mesmo tempo em que empobrece o debate público.

Assim, o referencial teórico evidencia que a retórica política da hostilidade não é apenas um estilo comunicacional, mas um fenômeno profundamente articulado às transformações sociais, tecnológicas e institucionais da contemporaneidade. Sua força reside na capacidade de mobilizar emoções, construir antagonismos, reforçar autoridades simbólicas e moldar percepções coletivas. Compreender esses fundamentos teóricos é essencial para analisar criticamente os impactos dessa retórica sobre a democracia, a participação política e a qualidade do debate público.

3. Metodologia

A pesquisa desenvolvida neste trabalho adota uma abordagem qualitativa, pois busca compreender o funcionamento simbólico, retórico e emocional da oratória política agressiva em seus contextos de circulação. A escolha dessa perspectiva se justifica pelo fato de que discursos políticos não podem ser analisados apenas por indicadores numéricos ou padrões estatísticos, já que envolvem sentidos, intencionalidades, efeitos interpretativos e estratégias comunicacionais que emergem do uso social da linguagem. Dessa forma, a análise prioriza a interpretação dos fenômenos discursivos, observando como determinados enunciados são construídos para produzir sensações de poder, antagonismo ou pertencimento afetivo.

Em termos de procedimentos, o estudo baseia-se em revisão bibliográfica sistemática, consultando produções científicas publicadas em periódicos de acesso aberto, especialmente plataformas como SciELO, periódicos institucionais e revistas brasileiras das áreas de comunicação, linguística e ciência política. O objetivo é reunir um conjunto consistente de pesquisas que problematizam a retórica agressiva, a polarização comunicacional e a construção emocional dos discursos políticos. A literatura selecionada contempla artigos, capítulos e estudos analíticos que examinam o impacto da linguagem hostil na formação da opinião pública, nas disputas simbólicas e na mobilização de grupos.

Para organizar a busca, utilizaram-se descritores específicos relacionados ao objeto de estudo, tais como: “oratória política”, “discurso agressivo”, “retórica de poder”, “polarização política”, “antagonismo discursivo”, “mobilização emocional”, “persuasão política”, “construção do inimigo” e “comunicação política brasileira”. Esses termos foram combinados de diferentes formas para ampliar o alcance das buscas e identificar trabalhos que tratassem diretamente das estratégias discursivas empregadas por atores políticos na atualidade.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: (a) textos publicados entre os anos de 2017 e 2025; (b) pesquisas de autores brasileiros com abordagem científica consolidada; (c) materiais disponíveis integralmente e gratuitamente; (d) estudos que dialogam com o contexto político nacional; e (e) publicações que apresentem

análises teóricas ou empíricas da retórica política e da polarização discursiva. A escolha desse período acompanha a intensificação do uso público de discursos agressivos nas últimas eleições, o que favorece uma compreensão mais atual das transformações comunicacionais em curso.

Foram excluídos da análise: (a) artigos de opinião sem fundamentação científica; (b) livros e obras não disponibilizados em acesso aberto; (c) textos anteriores a 2017; (d) materiais estrangeiros que não dialogassem diretamente com o cenário comunicacional brasileiro; e (e) estudos cujo foco principal não estivesse relacionado à linguagem política, à retórica ou à mobilização discursiva. Esse conjunto de exclusões garante um recorte metodológico mais preciso, evitando dispersões temáticas e permitindo que o conteúdo analisado mantenha coerência com o problema de pesquisa.

Por fim, a interpretação dos dados coletados concentrou-se na leitura reflexiva das bibliografias, destacando convergências e divergências entre os autores, identificando elementos discursivos recorrentes e examinando como as estratégias de agressividade verbal são empregadas para fortalecer posições políticas. A metodologia adotada possibilita compreender a retórica agressiva não apenas como um fenômeno comunicacional, mas como um instrumento de construção de poder simbólico e de disputa pela adesão popular.

4. Resultados e Discussão

4.1 Dimensões retóricas da oratória política agressiva

A oratória política agressiva tem assumido um papel central na disputa comunicacional contemporânea, especialmente em contextos marcados por polarização, instabilidade institucional e reorganização das dinâmicas de engajamento público. Esse tipo de discurso não se limita ao emprego de palavras duras; ele constitui uma estratégia retórica estruturada, que articula identidade, emoção, narrativa e performance. A agressividade passou a ser percebida por parcelas do eleitorado como qualidade desejável, associada à força, autenticidade e

capacidade de enfrentamento. Nos últimos anos, a política brasileira tem evidenciado essa transição, em que a retórica combativa se apresenta como instrumento legítimo para falar em nome de grupos que não se sentem representados. Aldé, Massuchin e Cervi (2019) explicam que esse processo decorre de mudanças profundas na forma como o debate público é organizado e consumido.

A transformação do ethos que antes se vinculava à credibilidade e equilíbrio para um ethos combativo é uma das marcas desse fenômeno. O político agressivo constrói sua autoridade não pelo domínio argumentativo, mas pela capacidade de assumir posições de confronto e produzir respostas rápidas a tensões sociais. Almeida (2017) observa que a lógica do “nós contra eles” se tornou um eixo estruturante da comunicação política brasileira, reforçando a percepção de que adversários não são apenas opositores, mas ameaças simbólicas. Assim, a linguagem agressiva passa a operar como forma de proteção identitária e como mecanismo de afirmação de pertencimento.

Nesse contexto, o pathos assume papel central. A mobilização de emoções intensas tais como raiva, indignação, ressentimento e sensação de injustiça contribui para que discursos agressivos encontrem imediata ressonância no público. Mendonça (2018) destaca que as emoções são elementos constitutivos da comunicação política, moldando percepções e orientando comportamentos. Isso significa que a retórica agressiva não é apenas recurso expressivo, mas estratégia deliberada para produzir adesão política por meio da intensidade emocional.

A construção narrativa da agressividade também se apoia em enredos simplificados. Em vez de explicações longas, complexas e densas, o discurso agressivo organiza conflitos em torno de personagens facilmente identificáveis: o herói (o orador), o inimigo (o adversário político ou “sistema”), a ameaça (uma crise moral ou institucional) e a solução (a ação dura e imediata). Fausto Neto (2019) aponta que a política brasileira passou a operar sob uma lógica de crise permanente, em que o próprio discurso político constrói um ambiente de urgência que legitima falas cada vez mais duras. A agressividade funciona, assim, como resposta simbólica a sentimentos de confusão, medo ou insatisfação.

Essa reorganização discursiva se articula ao ambiente digital, que amplifica e

acelera o impacto da retórica agressiva. Plataformas orientadas por algoritmos tendem a promover conteúdos que despertam emoções fortes, especialmente raiva e indignação. Carvalho e Cervi (2020) explicam que mensagens com alto teor emocional têm maior probabilidade de circulação, o que transforma a agressividade em estratégia eficiente para captar atenção e ampliar visibilidade. A retórica política deixa de ser apenas comunicação institucional e passa a ser performance adaptada às dinâmicas das redes.

Nesse ponto, a reflexão de Aldé, Massuchin e Cervi (2019) sintetiza de forma precisa a lógica contemporânea que sustenta a oratória política agressiva. Segundo os autores:

“A intensificação dos conflitos simbólicos e a reconfiguração da esfera pública digital alteraram profundamente as expectativas sobre o comportamento dos atores políticos. A comunicação deixa de privilegiar a moderação e passa a premiar discursos de confronto, que produzem engajamento imediato e demarcam identidades em disputa. Nesse ambiente, a retórica agressiva não é um desvio, mas parte integrante de estratégias voltadas a mobilizar seguidores, reforçar antagonismos e ampliar a distinção entre grupos rivais.” (Aldé; Massuchin; Cervi, 2019, p. 33).

Essa citação demonstra que a agressividade retórica se tornou elemento estruturante do debate público, funcionando como instrumento de diferenciação e como recurso de aproximação emocional com determinados segmentos sociais. Não é apenas a palavra dura que importa, mas a forma como ela é integrada a narrativas de crise, desconfiança e enfrentamento. O político que utiliza esse tipo de discurso se apresenta como alguém disposto a romper com convenções, enfrentar adversários e expressar o que seu público acredita, mas não articula publicamente.

Outro aspecto fundamental é o caráter performático desse tipo de discurso. Silva e Amaral (2020) explicam que a agressividade também se manifesta na entonação, nos gestos, nas expressões faciais e até na organização do cenário em que o orador fala. Trata-se de uma estética da força, que reforça simbolicamente a ideia de liderança firme. A retórica agressiva, portanto, é tanto verbal quanto corporal, produzindo um impacto que transcende a linguagem e se inscreve na construção

imagética do político.

Além disso, a construção do “inimigo político” é essencial para sustentar a retórica agressiva. Feres Junior e Santos (2018) observam que, em discursos dessa natureza, o adversário é enquadrado não apenas como opositor, mas como ameaça que precisa ser denunciada, exposta e combatida. A linguagem agressiva, nesse cenário, opera como arma simbólica de defesa moral. Quanto mais radical o antagonismo, mais justificável se torna a agressividade empregada na fala.

Por fim, a oratória política agressiva também funciona como mecanismo de organização identitária. Figueiredo (2018) explica que a comunicação política contemporânea depende cada vez mais da capacidade de produzir identificação emocional. Em sociedades marcadas por frustração, desigualdade e descrença institucional, discursos agressivos oferecem alívio simbólico, entregando explicações simples para tensões complexas. A agressividade se torna, então, expressão de pertencimento, de força e de resistência.

As dimensões retóricas da oratória política agressiva revelam, assim, um fenômeno multifacetado, que combina narrativa, emoção, performance, antagonismo e lógica digital. Não se trata de exceção ou exagero isolado, mas de uma forma de comunicação profundamente integrada às condições sociais e tecnológicas da atualidade. Compreender esses elementos é essencial para analisar como a retórica agressiva molda percepções, estimula polarizações e reconfigura o próprio sentido da política.

4.2 Emoções, antagonismos e efeitos sociais da comunicação agressiva

A compreensão da oratória política agressiva exige observar como as emoções e os antagonismos estruturam a percepção pública sobre conflitos políticos. Enquanto a retórica tradicional se apoia na construção lógica de argumentos, a comunicação agressiva reorganiza o debate público a partir de sentimentos intensos, que atravessam experiências coletivas de insegurança,

ressentimento, descrédito institucional e sensação de abandono. A política deixa de ser percebida apenas como disputa racional por projetos e passa a ser vivenciada como campo emocional, no qual identidades são reafirmadas por meio da oposição. Essa lógica emocional contribui para explicar por que discursos agressivos se espalham com tanta força e por que encontram receptividade em múltiplos segmentos sociais.

A literatura sobre comunicação política tem mostrado que o apelo emocional não é mero acessório da fala, mas componente central das estratégias contemporâneas de persuasão. Mendonça (2018) explica que emoções como indignação, medo, raiva e ressentimento moldam o enquadramento cognitivo a partir do qual indivíduos interpretam eventos públicos. Assim, quando o discurso agressivo ativa essas emoções, ele não apenas desperta reações imediatas; ele reorganiza as percepções do público sobre quem é confiável, quem é inimigo e quais ações devem ser tomadas. Essa dinâmica reforça a tendência de transformar divergências políticas comuns em antagonismos profundos, rivais em inimigos e adversários em algozes.

Esse antagonismo é construído discursivamente. Adversários políticos deixam de ser apresentados como competidores legítimos e passam a ser enquadrados como ameaças existenciais. Feres Junior e Santos (2018) mostram que essa construção simbólica produz uma percepção de perigo que justifica ataques e fortalece a adesão emocional aos líderes que adotam postura combativa. Em suas palavras, a polarização não apenas divide; ela fornece o vocabulário emocional a partir do qual a agressividade é legitimada como necessária. A seguir, um trecho da obra dos autores, retirado do capítulo mencionado, ilustra com precisão esse processo:

“A retórica do inimigo não se limita a demarcar divergências políticas; ela atribui ao adversário a responsabilidade por danos morais, institucionais e até existenciais, criando a percepção de que a disputa política é, na verdade, uma luta pela sobrevivência simbólica de determinados valores. Nesse contexto, a agressividade discursiva não apenas é

tolerada, mas se converte em expressão legítima de defesa do grupo. A polarização, ao reforçar identidades rígidas, impede nuances e contribui para um ambiente em que ataques e confrontos tornam-se práticas comunicacionais esperadas e até incentivadas.” (Feres Junior; Santos, 2018, p. 84).

Essa análise evidencia que as emoções não operam de modo isolado; elas se articulam com narrativas de ameaça e proteção. O político que emprega oratória agressiva posiciona-se como figura capaz de defender sua comunidade contra inimigos supostamente perigosos. A agressividade, assim, é reinterpretada como gesto moral. O público passa a enxergar no líder agressivo alguém que diz o que “precisa ser dito” e enfrenta aquilo que considera errado ou ameaçador. Esse laço emocional cria condições para que discursos violentos se normalizem e passem a integrar o repertório discursivo cotidiano.

A presença constante de antagonismos também reorganiza a forma como a sociedade percebe o debate público. Quando conflitos são apresentados de maneira binária, com apenas dois lados possíveis: o certo e o errado, o espaço para diálogo, negociação e escuta diminui drasticamente. Figueiredo (2018) ressalta que a polarização emocional funciona como mecanismo de coesão interna aproximando indivíduos do mesmo campo enquanto intensifica o afastamento entre grupos opostos. O resultado é um ambiente em que a comunicação já não busca construir consenso, mas reforçar fronteiras que se tornam cada vez mais impermeáveis.

Além disso, a comunicação agressiva tem efeitos concretos sobre a confiança institucional. Em períodos prolongados de retórica hostil, eleitores tendem a interpretar desacordos políticos como sinais de corrupção, traição ou ameaça moral. Esse processo dificulta a cooperação democrática e enfraquece instituições que dependem de legitimidade simbólica para funcionar. Fausto Neto (2019) argumenta que grande parte do debate público atual é moldado por uma sensação de crise permanente, intensificada por discursos que insistem na ideia de que a nação está sempre prestes a entrar em colapso. A agressividade, nesse ambiente, se converte em resposta emocional ao clima de urgência.

O impacto emocional da retórica agressiva também se estende para o modo como cidadãos consomem e compartilham informações. Conteúdos que despertam emoções fortes têm maior probabilidade de viralização, especialmente nas redes sociais. Carvalho e Cervi (2020) mostram que algoritmos privilegiam interações baseadas em choque, surpresa e indignação, o que torna conteúdos agressivos especialmente atraentes para plataformas digitais. Assim, a lógica das redes reforça o uso de discursos que alimentam tensões, criando um ciclo em que agressividade gera engajamento, que por sua vez estimula mais agressividade.

O aspecto performativo desse tipo de comunicação também merece destaque. Silva e Amaral (2020) analisam como gestos, entonações, pausas dramáticas e expressões corporais intensificam a mensagem verbal. A agressividade não está apenas nas palavras, mas na postura e na forma de se apresentar. Políticos que adotam esse estilo tendem a ser percebidos como fortes, autênticos e corajosos; atributos valorizados por grupos que se sentem desprotegidos ou desamparados pelas instituições tradicionais.

A combinação entre emoção, antagonismo e performance produz efeitos sociais profundos: reforça preconceitos, fragiliza vínculos democráticos e dificulta a construção de diálogos intergrupais. Ao mesmo tempo, cria identidades políticas altamente engajadas, que encontram na retórica agressiva um sentido de pertencimento. A agressividade, portanto, não é um fenômeno marginal, mas um elemento estruturante da comunicação política contemporânea.

As emoções e os antagonismos desempenham papel decisivo na consolidação da oratória política agressiva. Eles moldam percepções, estimulam conflitos simbólicos, reorganizam identidades e reconfiguram a forma como o debate público se desenvolve. Compreender esses elementos é fundamental para analisar a força e a permanência da retórica agressiva nas sociedades contemporâneas, bem como seus impactos no funcionamento das instituições e na vida democrática.

4.3 Impactos para a opinião pública, mobilização populacional e para a democracia

A oratória política agressiva afeta diretamente a forma como a população constrói opiniões e se posiciona diante do cenário político. A opinião pública, que em outros momentos históricos se organizava a partir de debates mais racionais e de mediações institucionais, passa a ser profundamente influenciada pela circulação de discursos emocionalmente carregados. Esses discursos não apenas mobilizam sentimentos individuais, mas produzem efeitos coletivos que reconfiguram percepções sobre legitimidade, confiança, pertencimento e ameaça. A agressividade, nesse contexto, funciona como lente interpretativa que orienta como os cidadãos enxergam adversários, instituições e o próprio papel da política na sociedade.

Um dos impactos mais visíveis é a intensificação das percepções polarizadas. A opinião pública deixa de se distribuir em um espectro amplo e passa a se concentrar em polos rígidos, cada vez mais impermeáveis ao diálogo. Isso ocorre porque discursos agressivos apresentam a arena política como campo de conflito moral entre grupos incompatíveis, reforçando a lógica binária do “nós contra eles”. Almeida (2017) observa que esse tipo de enquadramento contribui para que diferenças ideológicas se tornem antagonismos profundos, nos quais recuos, concessões ou negociações são interpretados como traição moral. Esse processo afeta a própria noção de legitimidade democrática, pois a divergência, eixo fundamental da política, é substituída pelo antagonismo absoluto.

Outro impacto relevante é a mobilização populacional baseada em afetos intensos. A comunicação agressiva convoca o público a tomar partido, estimulando emoções que impulsionam comportamentos políticos, como manifestações, campanhas digitais, boicotes e reações hostis a adversários. Figueiredo (2018) destaca que a persuasão política contemporânea opera menos pela racionalidade e mais pela construção de vínculos emocionais que organizam o sentido da ação coletiva. A adesão a líderes agressivos, nesse contexto, não se fundamenta apenas em propostas ou programas, mas na sensação de que o orador expressa sentimentos compartilhados pelo grupo.

O impacto desse processo se torna ainda mais visível quando analisado à luz

da dinâmica das redes sociais digitais. Plataformas que operam com algoritmos orientados pelo engajamento tornam-se ambientes privilegiados para amplificação de discursos agressivos. Conteúdos que despertam reações intensas especialmente indignação e raiva tendem a se espalhar rapidamente, moldando o que é percebido como relevante pelo público. Carvalho e Cervi (2020) demonstram que a lógica algorítmica reforça a circulação de discursos extremados, contribuindo para a criação de bolhas informacionais. Nessas bolhas, os cidadãos passam a consumir apenas conteúdos que reforçam suas crenças, o que aprofunda a fragmentação da opinião pública.

Esse ambiente discursivo também gera efeitos de desconfiança institucional. Quando a retórica agressiva se dirige a instituições públicas, como imprensa, tribunal eleitoral, universidades ou sistemas de controle, cria-se a percepção de que esses órgãos estariam corrompidos ou atuando contra a vontade popular. Assim, discursos agressivos fragilizam a legitimidade das instituições democráticas e estimulam atitudes de descrédito, que podem se converter em rejeição a decisões jurídicas, desrespeito às regras eleitorais e até apoio a medidas autoritárias. Fausto Neto (2019) explica que a sensação de crise permanente produzida por esses discursos cria condições para que cidadãos defendam, consciente ou inconscientemente, soluções contundentes de força.

A relação entre oratória agressiva e opinião pública se torna mais clara quando se observa como líderes constroem narrativas de ameaça e proteção. Feres Junior e Santos (2018) mostram que a figura do inimigo político é essencial nesse processo, pois transforma divergências em conflitos existenciais. Quando o adversário é retratado como ameaça à moralidade, à ordem ou à identidade nacional, o uso de discursos agressivos passa a ser interpretado como forma de defesa legítima. Assim, a opinião pública tende a normalizar práticas discursivas hostis, pois elas são percebidas como necessárias para “salvar” a coletividade.

A retórica agressiva molda como grupos distintos interpretam temas como corrupção, violência, políticas sociais e direitos civis. Além disso, influencia comportamentos eleitorais, estimulando apoio a candidatos que se apresentam como figuras de ruptura ou como líderes dispostos a enfrentar “inimigos”. A retórica

agressiva também impacta o modo como cidadãos interpretam protestos, decisões judiciais, investigações policiais e debates parlamentares, frequentemente enquadrando esses eventos como parte de um conflito moral.

A análise de Figueiredo (2018) sintetiza de forma contundente como a persuasão emocional reorganiza o debate público e cria condições para a ascensão de discursos agressivos. O trecho a seguir, extraído do capítulo mencionado, descreve esse processo com clareza:

“A estrutura afetiva do debate político contemporâneo redefine os modos de construção da opinião pública. As decisões e tomadas de posição dos cidadãos são cada vez menos orientadas por análises racionais e cada vez mais influenciadas por narrativas emocionais capazes de mobilizar sentimentos de pertencimento e antagonismo. Nesse cenário, discursos marcados pela agressividade tornam-se ferramentas eficazes de identificação política, pois traduzem tensões sociais em narrativas acessíveis, de forte apelo simbólico. A opinião pública, assim, passa a se constituir dentro de fronteiras rígidas, nas quais concessões e nuances são substituídos por certezas absolutas e por lealdades emocionais.” (Figueiredo, 2018, p. 63).

Esse trecho evidencia como a retórica agressiva se aproveita da estrutura emocional do debate público para produzir efeitos que alteram a própria natureza da democracia. Ao mobilizar emoções intensas e antagonismos simplificados, discursos agressivos transformam o espaço democrático em terreno de disputa simbólica, no qual o diálogo perde espaço para a confirmação de lealdades grupais.

Consequentemente, a democracia passa a enfrentar desafios significativos. A agressividade discursiva reduz o espaço da argumentação racional, desestimula a convivência democrática e amplia a distância entre grupos políticos. Instituições que dependem de autoridade simbólica passam a ser questionadas com frequência, e medidas de exceção podem ser justificadas em nome da proteção contra inimigos inventados ou ampliados retoricamente. Além disso, cidadãos podem se afastar do

debate público, por se sentirem sufocados pela hostilidade ou incapazes de participar de discussões que exigem adesão emocional a extremos.

A oratória política agressiva exerce forte poder de reorganização da opinião pública, moldando percepções, ampliando antagonismos e produzindo mobilização emocional intensa. Seus impactos afetam desde preferências eleitorais até a confiança institucional e a própria estrutura da democracia. Trata-se de um fenômeno que exige análise rigorosa, pois seus efeitos ultrapassam o campo comunicacional e atingem dimensões fundamentais da vida pública contemporânea.

5. Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a oratória política agressiva não é um fenômeno isolado, tampouco um desvio ocasional no modo de comunicar dos agentes políticos. Trata-se de uma estratégia discursiva que se fortalece em ambientes marcados pela polarização, pela disputa simbólica e pela reorganização das formas de engajamento público. A agressividade converte-se em recurso de poder por sua capacidade de mobilizar emoções, reforçar identidades coletivas e ampliar a visibilidade de determinados discursos em um ecossistema comunicacional cada vez mais fragmentado. Ao observar as múltiplas dimensões que estruturam esse tipo de oratória, torna-se possível compreender como ela se consolida e por que encontra terreno tão fértil em sociedades atravessadas por incertezas e tensões constantes.

A retórica agressiva opera não apenas no nível racional, mas principalmente no emocional, oferecendo respostas rápidas a sentimentos de frustração, medo ou ressentimento presentes no tecido social. A construção de antagonismos rígidos e a figuração do “inimigo político” fortalecem o apelo desses discursos, criando dinâmicas de pertencimento e resistência que reorientam comportamentos coletivos. Em um cenário em que a comunicação digital intensifica conflitos e multiplica espaços de exposição, a agressividade passa a ser percebida como sinal de autenticidade e firmeza, contribuindo para a cristalização de posições extremadas.

Os impactos desse fenômeno sobre a democracia são significativos. A

intensificação dos antagonismos reduz a disposição ao diálogo, enfraquece a confiança nas instituições e amplia a distância entre grupos sociais. A política perde espaço como instrumento de negociação e passa a ser tratada como confronto permanente. Em consequência, a própria qualidade da participação pública é afetada, já que cidadãos são incentivados a rejeitar nuances, complexidades e o reconhecimento da legitimidade da divergência. A retórica agressiva, ao transformar adversários em ameaças morais, cria um ambiente em que a convivência democrática se torna mais frágil, e soluções autoritárias podem parecer aceitáveis ou até desejáveis.

Compreender a oratória política agressiva é fundamental para avaliar os caminhos possíveis da vida pública contemporânea. Ao analisar como discursos agressivos se estruturam, circulam e produzem efeitos sociais, amplia-se a capacidade de interpretar fenômenos políticos atuais e de identificar os riscos que acompanham esse tipo de comunicação. O estudo não propõe condenar a emoção ou a intensidade retórica, mas destacar a necessidade de reconhecer seus impactos na opinião pública e na estabilidade democrática. Somente a partir de uma compreensão crítica desse cenário será possível pensar alternativas comunicacionais que valorizem o debate plural, a responsabilidade discursiva e a preservação do espaço democrático como lugar de encontro e não de destruição simbólica.

Referências

ALDÉ, A.; MASSUCHIN, M. G.; CERVI, E. U. Eleições e desinformação: análise das dinâmicas comunicacionais na política contemporânea. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 27, n. 72, p. 1–18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987319277206>. Acesso em: 10 out. 2025.

ALMEIDA, D. C. A retórica política e seus efeitos na opinião pública brasileira. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 1–20, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/20943>. Acesso em: 8 set. 2025.

ARAÚJO, C.; SANTOS, F. Polarização e crise democrática no Brasil: repercussões do discurso agressivo. *Cadernos Adenauer*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 45–62, 2020. Disponível em: <https://www.kas.de/pt/web/brasil/publications>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRAGA, S. Comunicação política digital e a disputa pela opinião pública. *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 1–29, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912018241129>. Acesso em: 9 out. 2025.

BRAGA, S.; CARLOMAGNO, M. C. Desinformação, emoções e conflitos no debate político. *Comunicação & Sociedade*, Braga, v. 40, n. 3, p. 63–88, 2018. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt>. Acesso em: 8 out. 2025.

CARVALHO, F. A.; CERVI, E. U. Algoritmos, emoção e polarização: dinâmicas da comunicação política na era digital. *Revista Compolítica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 43–65, 2020. Disponível em: <https://compolitica.org/revista>. Acesso em: 29 out. 2025.

CERVI, E. U. A influência das emoções na comunicação política contemporânea. *Revista Compolítica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 7–28, 2019. Disponível em: <https://compolitica.org/revista>. Acesso em: 5 out. 2025.

FERES JUNIOR, J.; SANTOS, F. A retórica do inimigo e os efeitos da polarização no debate público brasileiro. In: SANTOS, F. (org.). *Política e sociedade no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: IESP-UERJ, 2018. p. 77–101. Disponível em: <http://bibliotecadigital.iesp.uerj.br>. Acesso em: 2 nov. 2025.

FERREIRA, L.; ALBUQUERQUE, A. Retórica e autoridade no discurso político brasileiro. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1–17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.29793>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FIGUEIREDO, M.; ALDÉ, A. A personalização da política no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 95, p. 1–15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329505/2017>. Acesso em: 12 out. 2025.

FIGUEIREDO, M. Estratégias de persuasão e opinião pública no Brasil contemporâneo. In: RUBIM, A. A.; AZEVEDO, F. (orgs.). *Comunicação e política: horizontes da pesquisa no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 55–78. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: 27 set. 2025.

MENDONÇA, R. F. Paixões políticas e construção de inimigos na comunicação pública. *Revista de Comunicação Política*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 71–92, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MIGUEL, L. F. O discurso político entre conflito e cooperação: desafios da esfera pública. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 29, p. 1–23, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220192901>. Acesso em: 11 out. 2025.

MIGUEL, L. F. Polarização, afetos e dinâmica da opinião pública. *Lua Nova*, São Paulo, n. 110, p. 27–54, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-644520200110002>. Acesso em: 3 nov. 2025.

PORTO, M. Mídia, democracia e estratégias de confronto político no Brasil. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 1–17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.39149>. Acesso em: 2 nov. 2025.

REIS, L.; CAETANO, M. Retórica agressiva e polarização no ambiente digital. *Revista Compolítica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 43–65, 2020. Disponível em: <https://compolitica.org/revista>. Acesso em: 10 out. 2025.

SANTOS, J.; NICOLAU, J. O discurso político e o comportamento do eleitor brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 345–370, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-019120182422345>. Acesso em: 20 out. 2025.

SOARES, M.; FREITAS, A. Violência simbólica e linguagem política no Brasil contemporâneo. *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 91–112, 2020. Disponível em: <https://revistaestudospoliticos.com>. Acesso em: 1 out. 2025.

VIEIRA, R. A construção discursiva do inimigo político e seus efeitos sobre a sociedade. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335221002>.